



## A LEGISLAÇÃO DE ISRAEL EM RELAÇÃO AO USO DA TERRA

Alessandro Martins Gomes<sup>1</sup>

### Resumo:

Este artigo faz uma análise primeiramente do motivo da necessidade de uma legislação para reger o uso da terra no pelos hebreus, e com isso, faz-se extremamente necessário analisar também a finalidade pela qual Deus havia criado a terra, e ainda, com o homem deveria cuidá-la. Após isso, aborda também a perda desse domínio que o homem tinha sobre a terra como isso ocorreu. Mostra como Deus começou a registrar seus preceitos e mandamentos ao povo hebreu. Segue-se com uma análise sobre as leis criadas para reger o uso da terra pelo homem, visto que o homem necessita viver em sociedade, tal observação se faz necessária. Para isso, analisam-se as leis presentes na Torá, e, principalmente o *sabá*, como sábado e como ano sabático; e o ano do jubileu. Esses preceitos de Deus mostram a importância da terra para o povo hebreu. Finalizando, fica claro que essa legislação está intimamente ligada aos conceitos de *sabá* e jubileu.

**Palavras-chave:** Legislação. Hebreu. Terra.

### Considerações Iniciais

O objetivo principal é investigar a legislação de Israel em relação ao uso da terra, desdobrando-se nos mandamentos da Torá, o *Sabá* como sábado e como ano sabático e o Jubileu. Nessa pesquisa sobre as leis, foi observado como Deus começou a transmitir suas leis ao povo pelos profetas, e quais eram essas leis dentro da Torá que diziam respeito à terra, tanto obrigações quanto proibições. Porém, para se chegar ao completo entendimento dessas leis, é preciso entender bem o que é *Sabá* e Jubileu. Com relação ao *Sabá*, foi vista sua importância como dia consagrado semanalmente e, também como ano sabático; e ainda, suas vertentes, quais sejam: o descanso da terra, a libertação de escravos e escravas e o perdão de dívidas ao final de cada sete anos. E, por fim o jubileu, qual era o significado do descanso da terra e o descanso do povo sob os cuidados de Deus. E ainda algumas observações sobre jubileu, como os

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra/Portugal com bolsa pela CAPES. Mestre em Teologia pelas Faculdades EST e aluno do curso de Integralização de Créditos de Teologia pelas Faculdades EST. E-mail: alessandromartinsgomes@hotmail.com.

escravos de Israel adquiriam sua liberdade e voltavam à posse de seus bens, tanto os que as tinham alienado por motivo de pobreza quanto os que as tinham vendido.

## **1 A legislação de Israel em relação ao uso da terra**

Antes de falarmos da legislação específica com relação a terra, precisamos entender o porquê de uma legislação para reger o uso da terra pelo homem.

Gênesis 1.9,10 mostra a criação da terra seca e a sua separação dos mares, e Deus vê que a terra era boa.

Porém, Deus não a criou para ficar vazia, e, em Gênesis 1.26 Deus cria o homem conforme a sua imagem e conforme a sua semelhança.

Em Gênesis 2.8 Deus cria o jardim no Éden e coloca então o homem para nele habitar.

Na sequência da narração da criação divina, Deus diz ao homem em Gênesis 1.28: "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a...", o que mostra uma importante ordem que Deus deu ao homem, a de sujeitar a terra, que, segundo Ferreira<sup>2</sup>, significa "dominar, subjugar, tornar dependente, etc". Essa lei não significava que Deus estava apenas dizendo ao homem que ele deveria cuidar da terra e cultivá-la. Não era somente isso, essa lei ia muito mais além.

O homem é aqui nomeado senhor da terra, e faria com ela uma troca, ou seja, manteria um relacionamento recíproco. O homem deveria, sim, cuidar dela, e também cultivar, seria seu administrador, e, como consequência, ela ofereceria ao homem tudo o que ele precisasse para sobreviver. Assim o homem extrairia tudo o que a terra poderia lhe oferecer.

Essa ordem era mais complexa do que parecia. Deus estava dando liberdade ao homem para que tomasse iniciativas próprias e fosse criativo no seu relacionamento com a terra, Deus estava dando liberdade ao homem para que exercesse a liderança.

Com isso, podemos ver claramente que Deus deu a terra ao homem, mas até quando?

Para sempre!

---

<sup>2</sup> FERREIRA, 2004, verbete: sujeitar.

Deus criou a terra para o homem, mas esse domínio só foi exercido plenamente até o homem pecar. Somente em seu estado original e inicial de integridade o homem conseguiria exercer tal domínio.

Roy B. Zuck<sup>3</sup> afirma:

A natureza da relação entre Deus e os homens era soberano-vassalo. Deus criara o homem para o propósito expresso de transmitir a ele a condição e a função da imagem, quer dizer, o homem tinha de representar Deus no seu domínio sobre toda criação. [...] Tentando inverter os papéis e afirmar a sua independência das limitações, o homem se tornou uma imagem desfigurada e defeituosa, uma vez que já não representava o seu soberano de modo desimpedido e perfeito. O pecado introduzira uma alienação que afetou a relação entre Deus e o homem, tornando-o uma criatura mortal, que jamais cumpriria o mandato do concerto enquanto permanecesse nessa condição.

Porém, apesar de Deus ter dado todo esse domínio ao homem, este escolheu pecar e perdeu esse domínio, Deus lhe havia dado o livre arbítrio, e ele escolheu o pior e perdeu muito com isso.

Deus havia prometido a Abraão que faria dele uma grande nação e que seu povo herdaria a terra para sempre, seria seu habitat natural, como mostra Gênesis 12.1-3:

- 1** ORA, o Senhor disse a Abrão: Sai-te da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei.
- 2** E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção.
- 3** E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra.

Mas Deus não deixou que o pecado do homem atrapalhasse seus planos e promessas, Deus não depende de nada nem de ninguém para fazer o que quer, para cumprir o que promete.

Por isso, antes de continuarmos falando do fato de que a terra foi um presente de Deus aos homens, precisamos entender um pouco sobre essa característica ímpar de Deus: *sua imutabilidade*.

---

<sup>3</sup> Roy B. Zuck explica muito bem a questão da interrupção do propósito do concerto no livro Teologia do Antigo Testamento, quando diz que o propósito original divino ao homem era que ele tivesse domínio sobre todas as coisas e como esse propósito foi distorcido e alienado pelo pecado, em ZUCK, Roy B. *Teologia do Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009. p. 31.

Deus tem inúmeros atributos e podemos classificá-los de várias maneiras, mas para um entendimento mais fácil vamos usar a classificação de Millard J. Erickson<sup>4</sup>, que diz que os atributos de Deus são divididos em naturais e morais.

Os atributos naturais são aqueles que dizem respeito ao caráter de Deus, sua essência, quais sejam: espiritualidade, vida, personalidade, infinitude quanto ao espaço, tempo, conhecimento e poder, e a constância de Deus.

Os atributos morais de Deus são aqueles que dizem respeito ao conceito de correção, no sentido de dizer que Deus é sempre correto, quais sejam: pureza, que inclui santidade, retidão e justiça; integridade que inclui genuinidade, veracidade e fidelidade; e amor que inclui benevolência, graça, misericórdia e persistência.

Porém, o que cabe mencionar nessa pesquisa, para podermos entender a razão de Deus não ter tirado o presente – a terra – dos homens, a promessa que fez a Abraão, são a *Constância* e a *Fidelidade* de Deus, esses são atributos importantíssimos para se compreender a linha de pensamento sobre a promessa de Deus.

Primeiramente vamos ver o atributo *Constância*, que é o atributo que mostra a qualidade que Deus tem de ser imutável, inalterável, invariável e incessante.

A constância de Deus abrange vários aspectos. Deus não pode crescer nem decrescer em nada (mudança quantitativa), sua natureza não sofre modificação (mudança qualitativa), Deus não muda suas idéias, planos ou ações, não importa o que aconteça, pois Ele jamais vai de encontro à sua própria natureza, porque sua vontade também não muda, Deus sempre foi e sempre será, não houve um tempo em que Ele não existia ou fora criado.

Existem muitas passagens na Bíblia em que Deus parece mudar de idéia ou se arrepender do que fez, mas isso é explicado pelo antropomorfismo<sup>5</sup> e antropopatia<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 105.

<sup>5</sup> Atribuição de formas humanas a Deus. Pelo fato da mente humana ser finita e não se conseguir entender Deus em sua plenitude, busca-se as formas conhecidas pelo homem para tentar explicar Deus.

<sup>6</sup> Atribuição de sentimentos humanos a Deus. Também pelo fato da mente humana ser finita e não conseguir entender Deus em sua plenitude, busca-se os sentimentos conhecidos pelo homem para tentar explicar ações divinas.

Agora vamos entender o atributo *Fidelidade*, o qual faz parte do conjunto de atributos de integridade, que mostra a qualidade que Deus tem de ser leal, firme e constante nas suas atitudes e observar com rigor a verdade.

A fidelidade de Deus é quando ele se prova verdadeiro, a genuinidade de Deus é o fato de ser verdadeiro e a veracidade é o fato de Deus dizer a verdade.

Afinal, o que difere Deus do homem nesse ponto? Apesar deste ter sido criado à imagem e semelhança daquele, é o fato de o homem não saber o futuro e, portanto, não poder fazer uma previsão antecipada das coisas vindouras, e também o fato de não possuir poder para realmente fazer o que fala ou promete<sup>7</sup>.

Isso mostra que Deus mantém suas promessas, nunca revisa sua palavra ou renega uma promessa.

E como Deus prometeu a terra à humanidade através de Abraão?

Nos tempos do Antigo Testamento as leis e os decretos de Deus eram transmitidos pelo próprio Deus aos seus profetas, e estes, por sua vez, os transmitiam ao povo.

Em Oséias 12.10 temos uma prova disso, onde Deus diz: "Falei aos profetas e multipliquei as visões; e, pelo ministério dos profetas, propus símiles."

Fazendo uma observação para clarear tal termo, profeta significa um homem ou uma mulher de Deus com autoridade em suas palavras, porque falam em nome de Deus. Deus transmite a mensagem e os profetas escolhem as palavras para passar essa mensagem de acordo com a cultura em que está inserido. Essa maneira que Deus usava para se comunicar está declarada em Amós: 3.7: "Certamente, o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas."

Dessa forma Deus fazia tanto exortações ao seu povo quanto também proferia suas promessas.

Deus fez três grandes promessas a Abraão:

- 1) "De ti farei uma grande nação".
- 2) "Em ti serão benditas todas as famílias da terra"
- 3) "Darei á tua descendência esta terra"

---

<sup>7</sup> Essa ideia é muito bem defendida por Tiago Abdalla Teixeira Neto em seu artigo *O Deus Imutável* em NETO, Tiago Abdalla Teixeira. *O Deus Imutável*. Disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/atributos\\_deus/Deus-imutavel\\_tiago-abdalla.pdf](http://www.monergismo.com/textos/atributos_deus/Deus-imutavel_tiago-abdalla.pdf)> Acesso em: 07 set 2011.

Para nós, agora, cabe analisar a terceira promessa, na qual Deus promete dar a terra aos descendentes de Abraão.

Em Êxodo 24.12 diz: “Então disse Javé a Moisés: Sobe a mim ao monte, e fica lá; e dar-te-ei as tábuas de pedra e a lei, e os mandamentos que escrevi, para os ensinar.”

Aqui podemos ver como Deus começou a registrar suas leis ao seu povo, sendo ditada por Ele próprio a Moisés.

Porém, não são somente os dez mandamentos o que essa passagem se refere que Deus mandou que o povo observasse. Existem muitos outros mandamentos de Deus na Torá.

### 1.1 A Torá e seus mandamentos

Neste ponto podemos observar que a palavra *Torá*<sup>8</sup>, que significa lei ou doutrina, é usada para designar a lei de Deus, que são os cinco primeiros livros da Bíblia, quais sejam, Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

Reimer<sup>9</sup> explana muito bem sobre Torá ou Pentateuco:

O Pentateuco pretende ser um longo roteiro da história do povo de Israel, desde as suas origens (Gn 1-11) até o momento anterior à entrada na terra prometida (Dt 34). Neste roteiro acontece a junção sequencial das leis e conjuntos de leis de Israel, os quais, dentro do roteiro, são ancorados, sobretudo junto ao Sinai. Com essa historização, toda a lei é apresentada como procedente diretamente de Deus, dada através de Moisés para o povo. [...]

Dentro da Torá encontramos muitos mandamentos que Deus deu ao povo judeu. Cada mandamento é denominado de *Mitsvá*<sup>10</sup>.

Temos dois tipos de *Mitsvá* na Torá: as negativas e as positivas<sup>11</sup>.

As positivas são as ordens que Deus dava ao povo e as negativas eram as proibições ao povo.

<sup>8</sup> תורה significa “preceito”, “instrução” e “lei” em hebraico .

<sup>9</sup> REIMER, Haroldo; REIMER, Ivoni Richter. *Tempos de Graça: O Jubileu e as Tradições jubilares na Bíblia*. São Leopoldo: CEBI e Sinodal; São Paulo: Paulus, 1999. p. 34.

<sup>10</sup> מצווה significa “mandamento” em hebraico.

<sup>11</sup> As leis e códigos citados aqui para frente estão bem explicadas em REIMER, Haroldo. *Leis dos Tempos Jubilares na Bíblia*. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 58, p. 15-32, 1998.

Dentro das Mitsvot<sup>12</sup>, vamos destacar aquelas relacionadas ao nosso tema sobre terra.

Dentre as proibições estão:

- Não semear a terra durante o ano sabático.
- Não colher frutos da terra que cresceram espontaneamente no ano sabático.
- Não trabalhar a terra no ano do jubileu.
- Não vender terrenos da terra de Israel para sempre: voltam para o dono original no ano do jubileu.

Dentre as obrigações estão:

- A devolução da terra no ano do jubileu.
- O repouso da terra durante o ano sabático.

Para se entender essas leis, suas implicações e consequências, é preciso entender duas coisas: **o ano sabático** e **o ano do jubileu**.

## 1.2 Sabá

Segundo Aurélio *sabá* significa “descanso religioso que, conforme a legislação mosaica, devem os judeus observar no sábado, consagrado a Deus.”

### 1.2.1 Sabá como sábado

Vamos falar sobre o **sábado**.

O *sabá* ou *shabat* é o sétimo dia da semana, ou seja, o sábado, e, mesmo existindo em média de 48 a 50 shabat por ano, ele é considerado um dia sagrado para os judeus.

Para os judeus os dias são contados a partir do pôr-do-sol de um dia até o pôr-do-sol seguinte, por isso o shabat começa no pôr-do-sol de sexta-feira e vai até o pôr-do-sol de sábado.

Depois que a terra seca surgiu das águas, ela começou a produzir árvores e ervas para que o homem, que Deus ainda criaria, pudesse se alimentar.

Foi para nosso suprimento de vida que a terra produziu alimentos e para nossa existência que a porção seca surgiu.

---

<sup>12</sup> מצוות significa “mandamentos” em hebraico.

O shabat está claramente ligado à criação de Deus, pois simboliza o sétimo dia em Gênesis, quando Deus descansou depois de seis dias trabalhados na criação. Da mesma maneira o homem deve descansar depois de seis dias de trabalho produtivo.

Schwantes<sup>13</sup> fala sobre isso quando explica a temática do trabalho em Gênesis 1.1 – 2.4:

A temática do trabalho e a realidade do trabalhador marcam os *conteúdos* dos textos bíblicos. Alegria e sofrimento das mãos que labutam afloram continuamente como experiências teológicas e humanas significativas. [...] esquematização do texto para dentro do ritmo de sete dias. [...] A exigência é a de que os judaítas escravizados possam descansar a cada sétimo dia.

Giuliani<sup>14</sup> também escreve:

A moral vétero-testamentária do trabalho é determinada pelo Código Sacerdotal (Gênesis 1.1 – 2.4) mediante a sucessão de dias de trabalho e dias de descanso. Disso resulta um ritmo de ação e de repouso, o qual se funda no trabalho criador e no descanso de Deus, como também em seu mandamento expreso de trabalhar e descansar (Gênesis 2.3; Êxodo 20.11). Como mandamento, vale para todos: israelitas, estrangeiros, escravos e até animais.

Reimer<sup>15</sup> afirma:

O sábado se tornou uma marca constitutiva do povo de Israel, respectivamente do povo judeu. Ele é um sinal distintivo desse povo. Abrindo a Bíblia no livro de Gênesis temos a impressão de que ele já faz parte da história do povo desde as origens. Historicamente, porém, essa instituição tem uma trajetória conturbada. [...]

Deus preparou para o povo de Israel uma terra cheia de riquezas e dela expulsaria os habitantes. Porém, por causa dessa situação de tranquilidade, provavelmente, em pouco tempo, os israelitas esquecer-se-iam de Deus e do que fizera por eles.

---

<sup>13</sup> SCHWANTES, Milton. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 11, p. 7, 1988.

<sup>14</sup> GIULIANI, Matheus Francisco. O trabalho – Realidade Bíblica. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 11, p. 34, 1988.

<sup>15</sup> REIMER, 1999, p. 38.

Por isso, o Senhor reiterou-lhes a ordem para que guardassem o sábado como lembrança de tudo que Deus fizera por eles, como mostra em Deuteronômio 8.11-14,17:

**11** Guarda-te que não te esqueças do Senhor teu Deus, deixando de guardar os seus mandamentos, e os seus juízos, e os seus estatutos que hoje te ordeno;

**12** Para não suceder que, havendo tu comido e fores farto, e havendo edificado boas casas, e habitando-as,

**13** E se tiverem aumentado os teus gados e os teus rebanhos, e se acrescentar a prata e o ouro, e se multiplicar tudo quanto tens,

**14** Se eleve o teu coração e te esqueças do Senhor teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão;

**17** E digas no teu coração: A minha força, e a fortaleza da minha mão, me adquiriu este poder.

A lei do sábado evoluiu com o passar do tempo. No início, a lei do sábado realmente visava somente o repouso semanal. Depois foi se transformando em um mandamento e uma forma de culto, e, sobre este último, escreve muito bem Burin<sup>16</sup>:

O sábado está intimamente ligado à Aliança que este povo tem com Deus. Em todos os textos há um sentido claro da necessidade e mesmo da exigência de, a cada seis dias de trabalho, dedicar um para o repouso, para a festa, para a adoração e contemplação das obras que o Deus de Israel fez em favor de seu povo. E por isso, o sábado não é visto como uma imposição, mas como uma dádiva, um presente em benefício do homem. [...] E como o homem hebreu tem uma profunda convicção de sua dependência de Deus, a quem deve tudo, toma consciência que, de tudo o que recebeu, deve devolver, como sinal de sua dependência, ao menos uma parte a Deus. Então o próprio sábado é uma espécie de dízimo do tempo que o homem dedica e devolve a Deus.

Por isso, o shabat tem grandes implicações com relação à terra. Para Deus o shabat seria algo muito mais além disso, passou a ser uma lei a ser observada pelos judeus.

Além disso, Reimer<sup>17</sup> faz algumas considerações importantes a respeito do sentido original deste dia, pois a interrupção do trabalho acontecia num momento de maior demanda dele. Isso também era uma prova de fé do povo perante Deus, pois os períodos de mais trabalho no calendário agrícola da Palestina eram os períodos de preparo da terra para o plantio e o período da

---

<sup>16</sup> BURIN, Aguielo. O Sábado, descanso do trabalho. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 11, p. 77, 1988.

<sup>17</sup> REIMER, 1999, p. 38.

colheita, e a lei afirmava que justamente nesses períodos devia-se respeitar uma pausa no trabalho.

Podemos fechar o diálogo a respeito do descanso semanal com uma frase de Schwantes<sup>18</sup> que diz que "Gênesis 1 celebra o motivo mais profundo do sábado. Ele se encontra no próprio Deus. Quem para ao sábado, participa do ser e agir de Deus. Negar-se ao trabalho, ao menos num dia, é corresponder ao Criador".

### 1.2.2 Sabá como ano sabático

Agora vamos falar sobre o **ano sabático**.

Em Levítico 25.1-7 lê-se:

- 1** FALOU mais o Senhor a Moisés no monte Sinai, dizendo:
- 2** Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando tiverdes entrado na terra, que eu vos dou, então a terra descansará um sábado ao Senhor.
- 3** Seis anos semearás a tua terra, e seis anos podarás a tua vinha, e colherás os seus frutos;
- 4** Porém ao sétimo ano haverá sábado de descanso para a terra, um sábado ao Senhor; não semearás o teu campo nem podarás a tua vinha.
- 5** O que nascer de si mesmo da tua sega, não colherás, e as uvas da tua separação não vindimarás; ano de descanso solene será para a terra.
- 6** Mas os frutos do sábado da terra vos serão por alimento, a ti, e ao teu servo, e à tua serva, e ao teu diarista, e ao estrangeiro que peregrina contigo;
- 7** E ao teu gado, e aos teus animais, que estão na tua terra, todo o seu produto será por mantimento.

Esse texto mostra claramente a ordem de Deus quanto ao descanso da terra, que é o chamado *ano sabático*.

O ano sabático consistia no ano do descanso, e isso implicava diretamente no relacionamento entre Deus, a terra e o homem.

A terra foi criada por Deus para seu povo nela habitar e viver, e por isso, tem íntima relação com o homem.

Num sentido mais tipológico, Dong Yu Lan diz o seguinte:

A terra representa Cristo. Em Colossenses 2.6,7 diz: "Assim como recebestes a Cristo Jesus, o Senhor, assim também andai nele,

---

<sup>18</sup> SCHWANTES, 1989, p. 29.

andai, arraigados (como raízes na terra) e edificados nele". Andar aqui é viver, agir, comportar-se. Nós devemos andar, viver e agir em Cristo, para podermos desfrutar suas riquezas, assim como o povo de Israel vivia na boa terra, desfrutando seus ricos produtos. Toda nossa vida precisa ser em Cristo.<sup>19</sup>

Depois de um período de seis anos de trabalho, é proposto um ano de descanso. É a tradição do *ano sabático*.

Reimer fala sobre as origens dessa tradição:

Não se sabe ao certo a origem desta tradição. Supõe-se, porém, que seja antiga e vinculada com práticas de descanso e rodízio no cultivo da terra. Em povos vizinhos de Israel tais práticas também eram conhecidas. Entre os cananeus, por exemplo, o descanso da terra poderia estar relacionado com ritos de fertilidade, que tinham o propósito de garantir a fertilidade da terra e de apaziguar os seus deuses. Na tradição de Israel, a motivação para essa prática é o dado de que Deus-Javé é celebrado como o senhor de toda a terra. "*Ao Senhor pertence a terra...*" (Sl 24.1)<sup>20</sup>.

O shabat não era apenas cessar o trabalho, mas descansar no Senhor e acreditar que Ele providenciaria tudo o que fosse necessário para o suprimento de seu povo.

Essa tradição se divide em **três vertentes**, quais sejam: o *descanso da terra* no sétimo ano, a *libertação de escravos e escravas* e o *perdão de dívidas* ao final de cada sete anos<sup>21</sup>.

1) O *descanso da terra* no sétimo ano → Na tradição da história do povo de Israel na Bíblia, o homem aparece intimamente ligado ao cultivo e cuidado da terra, ou seja, ligado à agricultura<sup>22</sup>.

Nos seus primórdios a humanidade vivia da caça e da coleta de frutos. Depois do processo de sedentarização isso mudou, já aparecendo a agricultura e a pecuária, por volta de 9000 a 7000 a.C.

Porém, para Israel, somente com a "conquista da terra", se iniciou vagarosamente o processo de sedentarização por volta de 1250 a.C. Essa

---

<sup>19</sup> LAN, Dong Yu. *Como servir a Deus?* São Paulo: Editora Árvore da Vida, 1999. p. 293-294.

<sup>20</sup> REIMER, 1999, p. 57.

<sup>21</sup> REIMER, 1999, p. 57.

<sup>22</sup> GARMUS, Ludovico. O descanso da terra: uma releitura de Ex 23, 10-11 e Lv 25, 1-7. *Estudos Bíblicos, Petrópolis*, v. 58, p. 98, 1998.

sociedade era marcada pelo igualitarismo, em contrapartida ao feudalismo cananeu, que era um sistema tributário.

Porém, com o início do uso do boi na agricultura, na época da instituição da monarquia em Israel, esse igualitarismo foi se findando, pois passou a ser possível o acúmulo de riquezas por alguns clãs que dispunham dessa tecnologia.

O povo plantava durante o ano para colher e ter seu sustento no ano seguinte. Porém, a cada seis anos, Deus ordenou que o **homem** e a **terra** tivessem um ano de descanso, tradição essa vinda da aplicação dos dias da semana a uma sequência de anos.

Para isso, não se plantaria nada no sétimo ano, com isso a colheita do sexto ano deveria ser suficiente para dois anos, para o sétimo e para o oitavo, pois o que fosse semeado no oitavo só seria colhido e consumido no nono ano.

O Código da Aliança (Êxodo 20.22 – 23.19) resguardava não poucas vezes o direito dos mais fracos, sendo a terra um desses elos, como mostra em Êxodo 23.10,11:

**10** Também seis anos semearás tua terra, e recolherás os seus frutos;

**11** Mas ao sétimo a dispensarás e deixarás descansar, para que possam comer os pobres do teu povo, e da sobra comam os animais do campo. Assim farás com a tua vinha e com o teu olival.

Esse texto mostra que o homem tinha direito de cultivar a terra para seu sustento, mas também deveria respeitar o direito da mesma descansar.

Isso era uma prova da dependência que o povo tinha de Deus, e para o povo obedecer era preciso confiar em Deus.

Esse período de descanso ao povo e à terra não era simplesmente um descanso físico. Tinha um grande significado para Deus e para seu povo.

Esse período mostrava que Deus tratava a terra como parte de sua criação, e, por isso, gozava de direitos.

Isso significava que eles eram subordinados e dependiam de Deus, pois naquele ano não se plantaria, significando que estavam à mercê de Deus, sob sua responsabilidade e proteção total.

Era uma honra estar nessa situação, sob total dependência de Deus, como diz em Salmo 144.15: "Bem-aventurado o povo a quem assim sucede! Bem-aventurado é o povo cujo Deus é o Senhor".

Ainda sobre o texto que fala sobre o ano sabático em Levítico 25.1-7, podemos ver que o verso 5 nos mostra como essa tradição era um reflexo do sábado, sendo então um ano santo, assim como todos os sábados eram, quando diz "descanso solene".

2) *A libertação de escravos e escravas* → A libertação dos escravos por dívidas é assunto tratado no Código da Aliança, ou seja, Êxodo 21.2-11, assim descrito:

**2** Se comprares um servo hebreu, seis anos servirá; mas ao sétimo sairá livre, de graça.

**3** Se entrou só com o seu corpo, só com o seu corpo sairá; se ele era homem casado, sua mulher sairá com ele.

**4** Se seu senhor lhe houver dado uma mulher e ela lhe houver dado filhos ou filhas, a mulher e seus filhos serão de seu senhor, e ele sairá sozinho.

**5** Mas se aquele servo expressamente disser: Eu amo a meu senhor, e a minha mulher, e a meus filhos; não quero sair livre,

**6** Então seu senhor o levará aos juízes, e o fará chegar à porta, ou ao umbral da porta, e seu senhor lhe furará a orelha com uma sovela; e ele o servirá para sempre.

**7** E se um homem vender sua filha para ser serva, ela não sairá como saem os servos.

**8** Se ela não agradar ao seu senhor, e ele não se desposar com ela, fará que se resgate; não poderá vendê-la a um povo estrangeiro, agindo deslealmente com ela.

**9** Mas se a desposar com seu filho, fará com ela conforme ao direito das filhas.

**10** Se lhe tomar outra, não diminuirá o mantimento desta, nem o seu vestido, nem a sua obrigação marital.

**11** E se lhe não fizer estas três coisas, sairá de graça, sem dar dinheiro.

Por ser uma sociedade com características patriarcais, o tratamento entre homens e mulheres era diferente.

O verso 2 fala sobre a compra de um escravo hebreu, e, no verso 7, fala sobre a venda de uma filha como escrava. E, em ambos os casos, escravo ou escrava, não era uma venda em si que acontecia, não era compra de escravos num mercado, pois esse sistema social só começou com o período helenístico, a partir do final do século 4 a.C.

Dreher afirma: "O mundo bíblico não conheceu a escravidão como Modo de Produção<sup>23</sup>."

<sup>23</sup> DREHER, Carlos A. *Escravos no Antigo Testamento. Estudos Bíblicos*, Petrópolis, 1988a. p. 9.

E, confirmando, diz: "Tudo isso, porém, não significa que o mundo bíblico não tenha conhecido a instituição da escravatura. Ela é um fato, sem dúvida. E muitas vezes nos é relatada em moldes tão desumanos quanto em outras sociedades<sup>24</sup>."

O verbo traduzido por comprar, é o verbo *qanah*, que significa uma transferência temporária do direito de posse. Quando um pobre fazendeiro toma um empréstimo com outro israelita, ele dá seus sapatos como um ato simbólico pela hipoteca em seu pedaço de terra. Incapaz de pagar sua dívida seja qual for o motivo, o devedor e torna-se servo do credor. A partir desse ponto, o credor passa a ter direito sobre a pessoa e sobre a sua porção de terra<sup>25</sup>.

Aqui é a escravidão por dívidas, que fazia parte da economia do antigo Israel e todo antigo Oriente.

Certo é que existiam duas formas de escravidão, os prisioneiros de guerra transformados em escravos e os escravos por dívidas, mas o que nos importa aqui é a escravidão por dívidas<sup>26</sup>.

Como já falamos anteriormente, a forma dominante na sociedade era o tributarismo, no qual os dominantes se apropriavam de parte da produção dos camponeses como forma de tributo.

Quando o camponês não conseguia produzir o suficiente, era obrigado a tomar empréstimos, e quando não conseguia pagar, entregava membros da família como pagamento da dívida, gerando, então, a escravidão e o empobrecimento de israelitas livres.

Os versos 2 a 6 falam de escravos e sua liberdade no sétimo ano.

Os versos 7 a 11 falam das mulheres escravas, e como sua servidão seria duradoura, sendo-lhes concedido direito de resgate se seus direitos não fossem assegurados. Em caso de negligência de direitos, ela seria livre sem indenização.

A escravidão por dívidas supunha tempo indeterminado de escravidão, por isso a lei delimitou esse tempo para seis anos, e a "referida *libertação no sétimo ano constitui a possibilidade de um reinício para as pessoas endividadas e dependentes. Trata-se claramente de um tempo de graça*<sup>27</sup>."

<sup>24</sup> DREHER, 1988a, p. 24.

<sup>25</sup> REIMER, Haroldo. Agentes e mecanismos de opressão e exploração em Amós. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Vol./No. 12, 1992. Disponível em: <<http://www.claiweb.org/ribla/ribla12/agentes%20y%20mecanismos.htm>>. Acesso em: 11 nov 2011.

<sup>26</sup> DREHER, 1988a, p. 25.

<sup>27</sup> REIMER, 1999, p. 73.

Ao homem era dado o direito de liberdade no sétimo ano, mas a mulher seria escrava a vida toda, a não ser que não lhe fossem assegurados direitos como comida, roupa e ser mulher de somente um homem da casa, podendo então sair de mãos vazias. Mas a escravidão crescia cada dia mais, pois ao homem escravo poderia ser dada uma mulher, que provavelmente seria uma escrava por dívida, e durante o tempo ele acabaria por não querer ficar livre por amor à família que formara: mulher e filhos.

3) O *perdão de dívidas* → O perdão das dívidas é assunto tratado no Código Deuterônômico, ou seja, Dt 12.1-26.15, mas interessa-nos aqui somente Dt 15.1-11, assim descrito:

- 1** Ao fim dos sete anos farás remissão.
- 2** Este, pois, é o modo da remissão: todo o credor remitirá o que emprestou ao seu próximo; não o exigirá do seu próximo ou do seu irmão, pois a remissão do Senhor é apregoada.
- 3** Do estrangeiro o exigirás; mas o que tiveres em poder de teu irmão a tua mão o remitirá.
- 4** Exceto quando não houver entre ti pobre algum; pois o Senhor abundantemente te abençoará na terra que o Senhor teu Deus te dará por herança, para possuí-la.
- 5** Se somente ouvires diligentemente a voz do Senhor teu Deus para cuidares em cumprir todos estes mandamentos que hoje te ordeno;
- 6** Porque o Senhor teu Deus te abençoará, como te tem falado; assim, emprestarás a muitas nações, mas não tomarás empréstimos; e dominarás sobre muitas nações, mas elas não dominarão sobre ti.
- 7** Quando entre ti houver algum pobre, de teus irmãos, em alguma das tuas portas, na terra que o Senhor teu Deus te dá, não endurecerás o teu coração, nem fecharás a tua mão a teu irmão que for pobre;
- 8** Antes lhe abrirás de todo a tua mão, e livremente lhe emprestarás o que lhe falta, quanto baste para a sua necessidade.
- 9** Guarda-te, que não haja palavra perversa no teu coração, dizendo: Vai-se aproximando o sétimo ano, o ano da remissão; e que o teu olho seja maligno para com teu irmão pobre, e não lhe dê nada; e que ele clame contra ti ao Senhor, e que haja em ti pecado.
- 10** Livremente lhe darás, e que o teu coração não seja maligno, quando lhe deres; pois por esta causa te abençoará o Senhor teu Deus em toda a tua obra, e em tudo o que puseres a tua mão.
- 11** Pois nunca deixará de haver pobre na terra; pelo que te ordeno, dizendo: Livremente abrirás a tua mão para o teu irmão, para o teu necessitado, e para o teu pobre na tua terra.

Esse conjunto de leis, considerando a evolução social e religiosa de Israel, veio a substituir o Código da Aliança.

O Código Deuteronômico apresenta, ao lado da alforria de escravos, a lei da *remissão de dívidas*, que se realizava ao final do sétimo ano, em que haveria uma remissão das dívidas acumuladas durante os anos anteriores.

O verbo *shemittah*, que normalmente é traduzido por remissão na Bíblia, literalmente significa "abrir mão".

Os contratos de empréstimos naquela época eram registrados em tabuinhas de argila. Nesse caso, deixavam-nas cair e espatifar. Sendo assim, as dívidas nelas registradas ficavam esquecidas. Hoje ato equivalente seria rasgar notas promissórias e contratos.

Reimer<sup>28</sup> diz o seguinte:

Essa lei do *ano sabático* como *ano de remissão de dívidas* não tem paralelo anterior na legislação social de Israel. O Código da Aliança, que é o conjunto de leis mais abrangente e mais antigo antes do Deuteronômio, apresenta a lei do *ano de descanso da terra*. A lei do descanso da terra não tem continuidade no Deuteronômio, e, em seu lugar, surge a lei do *ano da remissão de dívidas*.

Dando continuidade, podemos ver que essa ordem de descanso não para aqui.

### 1.3 Jubileu

Agora vamos falar do **ano do jubileu**, que é assunto tratado no Código da Santidade, ou seja, Levítico 17 a 26, mas interessa-nos aqui somente Levítico 25.8-19, 23, 34, assim descrito:

**8** Também contarás sete semanas de anos, sete vezes sete anos; de maneira que os dias das sete semanas de anos te serão quarenta e nove anos.

**9** Então no mês sétimo, aos dez do mês, farás passar a trombeta do jubileu; no dia da expiação fareis passar a trombeta por toda a vossa terra,

**10** E santificareis o ano quinquagésimo, e apregoareis liberdade na terra a todos os seus moradores; ano de jubileu vos será, e tornareis, cada um à sua possessão, e cada um à sua família.

**11** O ano quinquagésimo vos será jubileu; não sementeis nem colhereis o que nele nascer de si mesmo, nem nele vindimareis as uvas das separações,

**12** Porque jubileu é, santo será para vós; a novidade do campo comereis.

---

<sup>28</sup> REIMER, 1999, p. 83.

**13** Neste ano do jubileu tornareis cada um à sua possessão.

**14** E quando venderdes alguma coisa ao vosso próximo, ou a comprardes da mão do vosso próximo, ninguém engane a seu irmão;

**15** Conforme ao número dos anos, desde o jubileu, comprarás ao teu próximo; e conforme o número dos anos das colheitas, ele a venderá a ti.

**16** Conforme se multipliquem os anos, aumentarás o seu preço, e conforme à diminuição dos anos abaixarás o seu preço; porque conforme o número das colheitas é que ele te vende.

**17** Ninguém, pois, engane ao seu próximo; mas terás temor do teu Deus; porque eu sou o Senhor vosso Deus.

**18** E observareis os meus estatutos, e guardareis os meus juízos, e os cumprireis; assim habitareis seguros na terra.

**19** E a terra dará o seu fruto, e comereis a fartar, e nela habitareis seguros.

**23** Também a terra não se venderá em perpetuidade, porque a terra é minha; pois vós sois estrangeiros e peregrinos comigo.

**34** Mas o campo do arrabalde das suas cidades não se venderá, porque lhes é possessão perpétua.

Esse texto mostra claramente a ordem de Deus novamente quanto ao descanso da terra, que é o chamado *ano do jubileu*. Porém, esse ano tão importante não era somente para descanso do povo e da terra, ia muito além disso.

O ano do jubileu é um ano após o sétimo ano sabático, portanto, o quinquagésimo ano, e, chamado também de ano pentecostal. Era um ano inteiro de alegrias e festas anunciado ao som de trombetas.

Mas por que tanta alegria e júbilo?

O ano do jubileu não representava apenas outro tempo de cessar o trabalho, mas também de descansar no Senhor, assim como no ano sabático.

A colheita do ano anterior sustentava o povo no ano subsequente.

Mas, além do descanso a cada seis anos, o **homem** e a **terra** também descansariam a cada quarenta e nove anos, portanto no quinquagésimo ano. Com isso, a colheita do quadragésimo nono ano deveria ser suficiente para dois anos, para o quinquagésimo e para o quinquagésimo primeiro, pois o que seria plantado no quinquagésimo primeiro só seria colhido no quinquagésimo segundo.

Em 587 a.C. o exército babilônico sob o comando de Nabucodonosor, tomou a cidade de Jerusalém, e, com isso, "os mais pobres da terra" acabaram ficando na terra. O povo de Israel passava então pelo *exílio*, ficando cativo na Babilônia por 50 anos. Em 538 a.C. o "decreto de Ciro" põe fim a essa situação oficialmente, autorizando o povo deportado a voltar para Jerusalém e Judá, iniciando uma fase de reencontro com sua antiga terra. Porém, nasce um

conflito: a posse de terra entre os que retornaram do exílio e os que haviam permanecido nela, pois os que retornaram queriam a reintegração de suas antigas posses.

Brotam assim, nesse contexto, textos relacionados ao jubileu.

Jubileu provém da palavra *yobel* que significa “chifre de carneiro”, ou seja, uma espécie de berrante que se tocava para anunciar o ano do jubileu<sup>29</sup>.

Para anunciar esse ano tão esperado entre os israelitas, havia o soar da trombeta no dia da propiciação. Esse soar da trombeta dava ao povo meio ano para se preparar, anunciando assim a chegada do quinquagésimo ano.

Além disso, nesse ano os escravos de Israel adquiriam sua liberdade e todos voltavam à posse de seus bens, tanto os que os tinham alienado por motivo de pobreza quanto os que as tinham vendido.

A terra de Canaã foi toda dividida entre os filhos de Israel, ficando cada um com seu lote. E essa terra não podia ser vendida.

Porém, por motivos diversos, como pobreza ou enfermidade, muitos eram forçados a venderem suas terras, mas essa situação só permanecia até o ano do jubileu, essas terras não eram vendidas perpetuamente, só ficando em poder de seu comprador até o ano do jubileu.

Também muitos filhos de Israel, por questões de dívidas, tinham que entregar um dos membros da família para ser escravo a quem se devia alguma coisa, e essa situação também só permanecia até o ano do jubileu, pois nessa data todos os escravos adquiriam sua liberdade e voltavam para sua família.

Resumindo, o texto de Levítico propõe quatro ações ou atos essenciais no ano do jubileu, como descreve Reimer<sup>30</sup>:

1. *Descanso da terra* (Lv 25.1-7)
2. *Reintegração de posse da terra* (Lv 25.8-34)
3. *Proibição da cobrança de juros* (Lv 25.35-38)
4. *Libertação ou resgate de escravos* (Lv 25.39-55)

Porém, o ano do jubileu não se resume a isso. Vai muito além, e novamente esse ano que também pode ser chamado de descanso implicava diretamente no relacionamento entre Deus, a terra e o homem, além de outras implicações.

<sup>29</sup> GORGULHO, Maria Laura. O ano do jubileu. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 58, p.55, 1998.

<sup>30</sup> REIMER, 1999, p. 94.

O ano do jubileu também representava um tempo de dependência do povo em Deus, pois eles descansavam e não plantavam nada. A terra também descansava, para que pudesse ser bem produtiva nos próximos anos. Deus assumia toda a responsabilidade do sustento de seu povo, pois eles somente teriam que ir até o campo colher e comer os alimentos frescos.

O jubileu era uma meta na vida dos israelitas, tudo girava em torno deste tão importante ano.

O valor de venda de terras em Israel dependia de quanto tempo faltava para o ano do jubileu, pagando-se somente o valor correspondente a esse tempo, pois seria de propriedade do novo comprador somente até o ano do jubileu. Depois voltaria ao seu verdadeiro dono.

O ano do jubileu era muito importante para os israelitas, pois, em suma, Mackintosh<sup>31</sup> diz:

O exilado regressa ao país, o cativo era libertado, o devedor perdoado, as famílias abriam seus braços para receber em seu seio os membros há muito tempo afastados, cada herança passava para a posse de seu antigo possuidor, o cativo escapava do cativo, os escravos deixavam as cadeias da escravidão, o homicida voltava para casa e os pobres e arruinados tomavam posse da herança perdida.

Tudo isso que acontecia no ano do jubileu, além de representar o período de descanso e dependência do povo para com Deus, era também para Deus mostrar ao povo que este não pertencia a este mundo, que a terra era de Deus e que o povo era considerado estrangeiro e peregrino na terra.

Cada semana o povo de Israel tinha de guardar o sábado; cada mês, o dia da lua nova; três vezes ao ano, as festas; cada sete anos, o ano sabático e a cada cinquenta anos, o jubileu.

Todos esses dias de festas eram como grandes sábados, instituídos por Deus para que o povo de Israel não se esquecesse dele.

Isso tudo se dava para que o povo dependesse de Deus de forma completa, pois isso, sim, faria com que não se esquecessem dEle.

Embora no passado Deus tenha feito muitos milagres, passava-se o tempo e tudo era esquecido. Deus livrara o povo de tantas coisas e perigos, mas

---

<sup>31</sup> MACKINTOSH, C. H. *Estudos sobre o livro de Levítico*. São Paulo: Depósito de Literatura Cristã, 2003. p. 274, 275.

ainda assim era esquecido novamente. Nem com tantas maravilhas o povo conseguia se firmar sob a dependência de Deus.

A dependência de Deus flui muito mais quando se passa por privações e situações difíceis, pois, quando se está na abundância, a probabilidade de se esquecer de quem está proporcionando tudo é bem maior, e de achar que tudo que se consegue é fruto do próprio esforço do homem também.

## Considerações Finais

Em geral, não é comum se ver pesquisas feitas acerca do assunto tratado nessa pesquisa, que observem a os tópicos aqui pesquisados, ou seja, a legislação que regia o uso da terra para os hebreus.

Exatamente por isso veio o despertar em relação ao referido assunto, e ainda mais, quando da leitura da obra de Alexander<sup>32</sup>, principalmente quando faz o seguinte relato:

A importância do tema da "terra" em Gênesis decorre da relação especial que Deus estabelece entre o primeiro homem e o solo, relacionamento refletido em seus respectivos nomes, *'ādām* [homem] e *'ādāmâ* [terra]. Em harmonia com Deus, um é dependente do outro.

Os dados analisados indicam que, apesar do homem ter escolhido pecar, ainda assim Deus manteve sua promessa de dar uma terra ao seu povo, e isso se dá pelo fato de Deus possuir dois atributos denominados Constância e Fidelidade. O primeiro evidencia que Deus é imutável, e o segundo que Deus é leal, firme e constante. Assim sendo, Deus não depende de nada nem de ninguém para fazer o que quer, Ele cumpre suas promessas.

Fica claro aqui também que, Deus começa a registrar suas leis para o povo, inclusive as leis para reger o uso da terra pelo povo.

Fica muito evidente também que, essa legislação está intimamente ligada aos conceitos de *sabá* e jubileu.

Foi observado que o *sabá* está ligado à criação de Deus, por isso o povo observava-o como um dia de descanso sagrado semanalmente. Porém, esse conceito evoluiu, passando a ser uma lei observada pelos judeus como o ano

---

<sup>32</sup> ALEXANDER, T. Desmond. *Do paraíso à Terra Prometida: Uma introdução aos temas principais do Pentateuco*. São Paulo: Shedd Publicações, 2010. p. 45.

sabático, na qual o descanso se estendeu, não somente ao povo, mas também a terra, ocorrendo um ano de descanso após seis anos de trabalho. Implicou também na libertação de escravos e escravas independentemente do motivo que os levou a essa situação, tanto a escravidão dos prisioneiros de guerra quanto aos escravos por dívidas. Implicou ainda no perdão de dívidas.

Ficou entendido também que o jubileu foi uma extensão do ano sabático, que era um ano de descanso após quarenta e nove anos de trabalho, ou seja, um ano após o sétimo ano sabático. Implicou, além do descanso da terra e do povo, a reintegração de posse de terra, a proibição de cobrança de juros e a libertação ou resgate de escravos.

## Referências

ALEXANDER, T. Desmond. *Do paraíso à Terra Prometida: Uma introdução aos temas principais do Pentateuco*. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

BÍBLIA. Português. *Bíblia on-line*. Tradução de Almeida Corrigida e Revisada Fiel. Disponível em: <<http://www.chamada.com.br/biblia/>>. Acesso em: 02 jun 2011.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Gênesis Bereshît: O livro dos princípios*. Rio de Janeiro: JERP, 2004.

DREHER, Carlos A. O surgimento da monarquia israelita sob Saul. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 28 , p. 57-70, 1988.

\_\_\_\_\_. O Trabalhador e o Trabalho sob o Reino de Salomão. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 11 , p. 48-68, 1986.

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos: Da época da divisão do Reino até Alexandre Magno*. Volume 2. 4 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

\_\_\_\_\_. *História de Israel e dos povos vizinhos: Dos primórdios até a formação do Estado*. Volume 1. 4 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

FERREIRA, Aurélio B. H. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. 3. ed. rev. e atual. Curitiba: Editora Positivo, 2004. 1 CD-ROM.

ILÚMINA Gold. Versão 2.5. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000. 4 CD-ROM.

SCHWANTES, Milton. *História de Israel*. 3 ed. São Leopoldo: Oikos, 2008.

\_\_\_\_\_. *Projetos de Esperança: Meditações sobre Gênesis 1-11*. Coleção Deus Conosco. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: CEBI; São Leopoldo: Sinodal, 1989.

SOUZA, Marcelo de Barros; CARAVIAS, José L. *Teologia da Terra*. Petrópolis: Vozes, 1988. (Teologia e Libertação – Série V: Desafios da vida na Sociedade 4).

TCHAPÉ, Jean Bosco. A tomada de posse da terra de Canaã por Israel no livro do Deuteronômio. *Concilium*, Petrópolis, n. 320, vol. 2, p. 50-58, 2007.

VAUX, R. de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004.